

## MEIO AMBIENTE

Está cada vez mais difícil admirar as aves no lago. Biólogos creditam o sumiço ao desequilíbrio ecológico. Sem comida em abundância, elas migram para outras regiões

# Garças abandonam o Paranoá

ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

**D**e andar majestoso e vôo suave, as garças sempre encantaram o brasiliense. Mas ultimamente, tem sido mais difícil apreciá-las às margens do Lago Paranoá. Pouco a pouco, o bando das aves diminuiu. E se tornam cada vez mais raros os finais de tarde e nascer dos dias em que dão um espetáculo de revoada sobre as águas. Locais onde costumavam se reunir em anos anteriores, como a Ponte do Braghetto, no começo do Lago Norte, foram abandonados.

A década de 90 foi o auge das garças em Brasília. Entre 1993 e 1994, a população era de 5 mil, segundo o biólogo Paulo de Tarso Zuquim Antas, que há 24 anos estuda as aves do Distrito Federal. Hoje não há estimativa de quantas são, por falta de estudo, mas especialistas e freqüentadores do lago denunciam a redução. "Pequenas colônias que se formavam para reproduzir no Centro Olímpico da Universidade de Brasília e em outras áreas do lago desapareceram", observa Zuquim.

O sumiço, segundo especialistas, é um termômetro do desequilíbrio ambiental no DF. O biólogo Fernando Starling, que monitora a vida da fauna e flora do Paranoá, diz que a despoluição do lago reduziu a população de algumas espécies de peixes, como a tilápia, um alimento antes farto para as garças. As tilápias se alimentam de microorganismos que se reproduzem em águas poluídas e povoaram, em excesso, o Paranoá até 1999.

Com a limpeza das águas — hoje 95% do lago apresenta condições de balneabilidade —, a população de tilápias diminuiu em algumas áreas em até 50%, como os braços norte e sul, segundo Starling. "O lago está com menos tilápias, mas está com mais poluentes químicos, que repercutem na cadeia alimentar da fauna aquática", explica Zuquim.

As garças também podem ter perdido outra importante fonte de alimento: os insetos. "Embora o lago esteja menos poluído, o sumiço das garças é um sinal que o meio ambiente não está bem. A população das aves pode estar diminuindo por falta de alimento, abrigo e destruição do seu habitat, com a ocupação das margens do lago", avalia o ecologista Nikolaus von Behr.

"Hoje, voltamos aos padrões da década de 70. As garças partem para se reproduzir, principalmente no Vale do Paranã, que vai de Formosa à Serra da Mesa, em Goiás", comenta Zuquim. Em 1985, quando elas começaram a migrar para o DF, procuravam o Jardim Zoológico e a saída norte, perto da Embrapa, para se reproduzir.

O zôo ainda é o local onde elas mais se concentram. A minúscula ilha, de duas árvores no meio do

Fotos: Wanderlei Pozzembom



OS FINAIS DE TARDE NO LAGO PARANOÁ JÁ NÃO CONTAM COM A REVOADA DAS GARÇAS: NA DÉCADA 90, EXISTIAM 5 MIL AVES EM BRASÍLIA

## PARA SABER MAIS

### Solitárias na hora da pesca

O Lago Paranoá é povoado principalmente pela garça-branca-grande (*Casmerodius albus*) e a garça-branca-pequena (*Egretta thula*). A maior é a mais comum entre as garças do Paranoá. Tem bico amarelo e as pernas compridas e pretas. Quando voa, mantém o pescoço retraído e as pernas esticadas. Pode ser observada solitária (quando pesca) ou em grandes grupos (principalmente na época de reprodução). Durante a pesca, caminha lentamente nas águas mais rasas do lago ou fica quase imóvel, à espera de suas presas.

De julho a dezembro fazem ninhos sobre arbustos, em áreas mais tranquilas do lago. A garça pequena tem a metade do tamanho da garça grande, pés amarelos, bico e pernas pretos. Pode ser observada no



DURANTE A PESCA, AS GARÇAS FICAM QUASE IMÓVEIS À ESPERA DA PRESA

lago de agosto a março. Ao contrário da garça-branca-grande costuma correr nas margens, ou passar um dos pés sobre a água, tentando atrair os peixes. Utiliza arbustos e árvores

próximos de áreas alagadas para se reproduzir. A garça-real (*Bilherodius pileatus*) e a garça-moura (*Ardea cocoi*) são mais raras, mas também podem ser vistas no Paranoá.

naram cativas. O espelho d'água do prédio do Itamaraty virou a casa de uma. Passa os dias por lá, vez ou outra alça vôo até o topo do prédio.

Na Churrascaria do Lago, outro xodó. A garça tem até nome. É Raquel, nome inspirado em uma das irmãs gêmeas da novela Mulheres de Areia, de 1993, da TV Globo. Hora do almoço, ela chega, passos lentos. Fica estática, em frente à porta do restaurante. Se não há freguês, os garçons deixam-na entrar e seguir até o balcão de carnes. Raquel come churrasco, se farta e vai embora.

As águas do Paranoá próximas à Estação Experimental de Biologia da UnB, a poucos metros da Estação de Tratamento Norte da Caesb, são freqüentadas por um bando. "Elas procuram esse local porque temos tanques de criação experimental de peixes, como surumbi, dourado e matrinxão", observa o biólogo Fernando Starling. Depois de se fartarem, deixam o local. Uma só mora por ali. "É solitária", conta Rogério Marcus Fernandes, 23, o pescador que mora em Ceilândia e pega tilápias desde os 12 anos. "Não sei porque as garças sumiram. Acho que é falta de peixe. Até pra gente está difícil. Não há quase nada de tucunaré e cará."

Além das garças, a ocupação rápida e desordenada do DF faz desaparecer outras aves. O biguá também quase não é visto mais no Paranoá. Outro exemplo é o jaburu, ave que dá nome à residência oficial do vice-presidente da República. "Faz uns 12 anos que não vejo um", observa o biólogo Zuquim.

recinto do hipopótamo, é um dos habitats. As garças costumam também se juntar sobre as copas de árvores maiores, perto do viveiro das aves. "De agosto a dezembro é o período de reprodução. Elas constroem ninhos nas árvores", observa George Cavalcanti, veterinário do zôo. Ainda

este ano, ele e a equipe de biólogos iniciam estudo para verificar se as garças que freqüentam o zôo são sempre as mesmas ou se vêm de regiões diferentes do Brasil.

#### Ponte sem garças

Seja qual for o resultado, o certo é que a ave graciosa fez e faz histó-

ria na capital. Até a Ponte Costa e Silva — que liga o Centro Comercial Gilberto Salomão à Asa Sul e foi a primeira inaugurada em Brasília — passou a ser popularmente conhecida como Ponte das Garças. Ficou a ponte, sumiram as garças. Mas em outros pontos da capital, elas já se tor-